



ESEFFEGO:
narrativas, memórias e experiências docentes

ESEFFEGO:
narrativas, memorias y experiencias docentes

Nívea Maria Silva Menezes

Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Educação
da Universidade Metodista de Piracicaba/PPGE-UNIMEP
Professora Adjunta da Universidade Estadual de Goiás/ESEFFEGO
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4837-7283>
Lattes: <https://lattes.cnpq.br/2966867369598187>
E-mail: nimenezes09@gmail.com

Nélio Borges Peres

Mestre em História pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho/UNESP-Franca
Professor na Universidade Estadual de Goiás/ESEFFEGO
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8411-0420>
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0145185667379323>
E-mail: nelinperes@gmail.com

Carlos Otávio de Mendonça Santos

Acadêmico do Curso de Educação Física da Universidade Estadual de Goiás/ESEFFEGO
ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-0687-2973>
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9379140090717607>
E-mail: carlosotavio2006@gmail.com

Resumo

Este texto é resultado da pesquisa intitulada: “Lembrar, Escrever, Reelaborar: Narrativas sobre a Educação Física a partir da experiência eseffeguiana”. Nossa preocupação central foi narrar alguns fragmentos acerca da Escola Superior de Educação Física e Fisioterapia de Goiás - ESEFFEGO, que em outubro de 2025 completou 63 anos de fundação. Para tanto realizamos uma pesquisa qualitativa e exploratória com 5 professores do curso de Educação Física, que atuam em seu quadro ou que fizeram parte dele. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas e os dados avaliados por meio de análise de conteúdo. Mediante a interface com as diferentes fontes, priorizamos as fontes orais e elencamos como as principais categorias de análise os seguintes aspectos: “Uma instituição viva e pulsante”, “Protagonismo e contribuições da ESEFFEGO”, “Currículos e formação”. Por meio dos testemunhos dos professores podemos perceber as várias camadas relacionais dos mesmos com a ESEFFEGO, não somente no que tange os aspectos formativos e profissionais, mas também a memória afetiva dos entrevistados para com a instituição. Tornou-se perceptível em suas narrativas a relevância da instituição para a formação de professores no Estado de Goiás; o pioneirismo e protagonismo diante das questões envolvendo as práticas extensionistas na capital, sendo uma referência até hoje no que concerne as práticas nos campos do esporte, educação, lazer e saúde na cidade de Goiânia.

Palavras-chave: ESEFFEGO; memória; história; experiência docente.

Resumen

Este texto es resultado de la investigación titulada: “Recordar, Escribir, Reelaborar: Narrativas sobre la Educación Física a partir de la experiencia eseffeguiana”. Nuestra preocupación central fue narrar algunos fragmentos acerca de la Escuela Superior de Educación Física y Fisioterapia de Goiás - ESEFFEGO, que en octubre de 2025 cumplió 63 años de fundación. Para ello realizamos una investigación cualitativa y exploratoria con 5 profesores del curso de Educación Física, que forman parte de su plantilla o que han sido parte de ella. Se realizaron entrevistas semiestructuradas y los datos fueron evaluados mediante análisis de contenido. Mediante la interfaz con las diferentes fuentes, priorizamos las fuentes orales y enumeramos como las principales categorías de análisis los siguientes aspectos: “Una institución viva y palpitante”, “Protagonismo y contribuciones de la ESEFFEGO”, “Currículos y formación”. A través de los testimonios de los profesores podemos percibir las varias capas relacionales de los mismos con la ESEFFEGO, no solo en lo que respecta a los aspectos formativos y profesionales, sino también a la memoria afectiva de los entrevistados hacia la institución. Se volvió perceptible en sus narrativas la relevancia de la institución para la formación de docentes en el Estado de Goiás; el pionerismo y protagonismo frente a las cuestiones que involucran las prácticas extensionistas en la capital, siendo una referencia hasta hoy en lo que concierne a las prácticas en los campos del deporte, educación, ocio y salud en la ciudad de Goiânia.

Palabras-clave: ESEFFEGO; memoria; historia; experiencia docente.

Introdução

Criada oficialmente pela [Lei nº 4.193, de 22 de outubro de 1962](#), a ESEFEGO (somente com um F) veio a se tornar a primeira Escola de Educação Física do Centro Oeste do país. No ano seguinte, pela Lei 4.640 de 8 de outubro de 1963, foi criada a Escola Superior de Educação Física de Goiás. Nestes termos, a ESEFEGO fez parte do plano de governo do então governador do estado de Goiás, Mauro Borges Teixeira.

Somente em 1994 foi criado o curso de Fisioterapia, o primeiro do estado de Goiás. A partir daquele ano, a ESEFFEGO¹ passou a chamar-se Escola Superior de Educação Física e Fisioterapia do Estado de Goiás, cuja sigla ganhou mais uma letra – ESEFFEGO; e em 1999 a instituição deixa de ser uma autarquia e passa a integrar a Universidade Estadual de Goiás (UEG) (Cordeiro, 2019; Melo, 2002).

Isso posto é fundamental entendermos o significado das datas, a existência dos diferentes tipos de tempo: o tempo corporal, o tempo social, o tempo cultural, o tempo da natureza, e a

¹ Dada a contextualização temporal iremos ao longo do texto utilizar a sigla ESEFFEGO considerando o marco da fundação do curso de Fisioterapia na década de 1990.

ESEFFEGO:
narrativas, memórias e experiências docentes
Nívea Maria Silva Menezes
Nélio Borges Peres
Carlos Otávio de Mendonça Santos

impossibilidade de a cronologia dar conta da história; mas ao mesmo tempo reconhecer a importância simbólica das datas (Mauad apud Bosi, 2008).

Deste modo, entendemos a importância simbólica das datas, mas percebemos também as importantes nuances presentes nos diferentes tipos de tempos e o modo como isso se apresenta nas narrativas dos sujeitos. Portanto, é fundamental ter clareza de que:

o passado e a história não são unidos um ao outro de tal maneira que se possa ter apenas uma leitura histórica do passado. O passado e a história existem livres um do outro; estão muito distantes entre si no tempo e no espaço. Isto porque o mesmo objeto de investigação pode ser interpretado por diferentes práticas discursivas [...] ao mesmo tempo em que, em cada uma destas práticas, há diferentes leituras interpretativas no tempo e no espaço (Jenkins, 2004, p. 24).

Foi a partir deste olhar considerando as falas dos sujeitos, aproximações, divergências e silêncios sobre o mesmo objeto em questão que vimos a riqueza de narrativas sobre a ESEFFEGO e suas experiências docentes. Nos apropriando do estudo de Goellner et all. (2005) observamos uma semelhança dessa ideia ao inventariarem a história de outra instituição, ressaltando que:

[...] as memórias aqui narradas, ainda que sejam individuais, revelam, ao mesmo tempo, lembranças coletivas e também interpretações particularizadas. Não podem, portanto, ser tomadas como “verdade” sobre o que narra: representam a percepção de quem narra ou ainda os significados que atribui ao que é narrado (p. 203).

Percepções de pensamentos que precisam ser reelaborados pelos depoentes. Neste sentido, sobre história e memória, Stephanou e Bastos (2005, p. 416), mostram que o ato de pensar é alimentado por “fragmentos do pensamento”, que são restos ou sobras daquilo que existiu um dia e que deixou de existir. Pensamentos fragmentados podem ser retirados do passado para serem reunidos no presente como se fossem riquezas estranhas, iguais às que são recolhidas pela pesca submarina. O ato de pensar requer de quem pensa que faça como o escafandrista e desça até as profundezas da mente como se fossem as profundezas do mar, para trazer à tona as riquezas e outros produtos estranhos assentados no fundo.

Sem ilusões, o que o “pescador” traz à tona não é um corpo de ideias a ser ressuscitado para contribuir com a renovação das coisas extintas. O que guia o pensar é a certeza de que o próprio pensamento está sujeito à passagem e às ações do tempo. O processo de envelhecimento e decadência das coisas como a de uma ideia é ao mesmo tempo o de cristalização que, nas profundezas da mente, afunda e dissolve aquilo que outrora era vivo. Mas algumas dessas coisas que sofrem ação do tempo e sobrevivem no fundo adquirem novas formas e contornos que se

ESEFFEGO:
narrativas, memórias e experiências docentes
Nívea Maria Silva Menezes
Nélio Borges Peres
Carlos Otávio de Mendonça Santos

mantém imunes aos elementos que dissolvem o resto. É como se esperassem um pescador de pérolas que um dia as apanhará e as trará de volta à superfície.

A memória é diferente da história, ela é como um labirinto de dentro do qual surge a saudade da infância ou da juventude. A memória pode ser um motivo para querer e poder reviver jogos e brincadeiras do passado, os antigos projetos esportivos aos quais se vincularam antes do envelhecimento. Pela lembrança pode ocorrer o reencontro com os professores e colegas que se julga terem sido importantes. A memória causa nostalgia, o sujeito pode sentir a pulsão juvenil de momentos que foram passados juntos com os colegas e amigos. Mas a nostalgia vinda do ato de lembrar pode levar a uma interpretação conservadora e ingênua da realidade educacional que se deseja observar. Podemos voltar ao passado para demonizá-lo ou para endeusar o presente.

Para Stephanou e Bastos (Idid) julgamos o passado no presente e praticamos condenações injustas, além de sofrermos de amnésia ou esquecimento que levam a interpretações e perspectivas equivocadas. No campo da história e da memória se trabalha com fragmentos do pensamento que são apanhados no fundo do passado e, diante da sua riqueza, precisamos mergulhar na sua estranheza.

Mas, o que é memória? Memória é uma colcha de retalhos tecida por lembranças e esquecimentos:

um tipo de caleidoscópio composto por vivências, espaços e lugares, tempos, pessoas, sentimentos, percepções/sensações, objetos, sons e silêncios, aromas e sabores, texturas e formas. Movemos tudo isso incessantemente e a cada movimento do caleidoscópio a imagem é diversa, não se repete, há infinitas combinações, assim como, a cada presente, ressignificamos nossa vida. Esse ressignificar consiste em nossos atos de lembrar e esquecer, pois é isso a Memória, os atos de lembrar e esquecer a partir das evocações do presente (Stephanou e Bastos, 2005, p. 420).

Segundo Stephanou e Bastos (2005, p. 420), nós, que “elaboramos um passado com o qual podemos conviver, esquecemos ativamente o que nos parece insignificante ou de convivência não suportável”. As memórias são compostas para dar um sentido mais satisfatório à nossa vida. Na medida em que o tempo passa, é preciso elaborar maior consonância entre identidades passadas e presentes. As memórias são arquitetadas por processos conscientes e inconscientes, elas não têm compromisso com a crítica, com uma operação mental de validação dos seus movimentos. Assim, a memória é um campo de conhecimento diferente da história. As memórias podem ser históricas, mas não são histórias por si só. Memória é a capacidade de

**ESEFFEGO:
narrativas, memórias e experiências docentes**

Nívea Maria Silva Menezes

Nélio Borges Peres

Carlos Otávio de Mendonça Santos

reviver o inexistente, é vestígio para a construção de histórias. Assim, a memória é indomável serve para assegurar permanências, manifestações que sobrevivem a um tempo que passou.

E de onde é que vem as memórias da ESEFFEGO? As memórias da ESEFFEGO são memórias da educação extraídas daquilo que os sujeitos pensam sobre suas vivências presentes, do que fazem, do como veem a si mesmos e o mundo. Elas aparecem com temporalidades múltiplas que emergem nas lembranças durante os testemunhos. As lembranças são pistas que podem ser possuídas por muitas pessoas, e são também os esquecimentos de algo que causava dor. A memória pode ser voluntária ou involuntária, ela emerge e transversaliza o tempo, atribuindo identidades à história de uma vida, a um coletivo. A memória que emerge aqui surge da disposição de perguntar “quem sou eu” e assim ela ancora uma vida a seus pertencimentos, atualizando as identidades dos sujeitos e seus processos. Mas a memória também pode ser refém do reconhecimento, entendido como processo de afirmação e aceitação pública de identidades e reminiscências.

Assim, o caráter da memória é ela ser labiríntica, móvel e movediça, é ser suspeita pelos que a perseguem e acusam de ter múltiplas temporalidades, porque há quem prefira crer na verdade intrínseca do passado para escrever a história. Confiar na memória significa crer no poder da emoção e no diálogo com a ficção além da ciência. A memória é ao mesmo tempo lembrança e esquecimento. Para os praticantes da história oral, a memória nem sempre está nas palavras, mas nos gestos de quem fala, nos sentidos, nos valores, nas materialidades e fios condutores que fazem lembrar as coisas, está no corpo todo. A memória merece ser uma contadora de história.

A História pode ser contada através de fontes orais, de memórias, não de uma pessoa, mas de várias, e por isso mesmo as memórias podem aparecer incoerentes e movediças, indomáveis e insubordinadas à ordem cronológica linear. Hoje em dia a História pode se utilizar de vestígios da memória produzida diversamente, bem como é diversa as experiências vividas entre as pessoas e as interpretações individuais e coletivas que são feitas dessas vivências. Este estudo utiliza memórias como documento privilegiado.

Para a realização desta pesquisa foram entrevistados 5 sujeitos, entre professores e ex-professores do curso de Educação Física, que ainda estão atuando em seu quadro ou que fizeram parte dele. Os sujeitos que se dispuseram a participar das entrevistas estiveram presentes em três momentos da ESEFFEGO, nas décadas de 1970, 1980 e 1990. Observamos como critério de escolha a posição desses sujeitos em relação à instituição, bem como o significado de suas

ESEFFEGO:
narrativas, memórias e experiências docentes
Nívea Maria Silva Menezes
Nélio Borges Peres
Carlos Otávio de Mendonça Santos

experiências², portanto, os sujeitos selecionados no nosso entendimento são unidades qualitativas para melhor entender a trajetória da ESEFFEGO na cultura goiana.

Vale ressaltar que o período em questão é relevante dadas as mudanças de currículos ocorridas nessas décadas, bem como alterações na legislação educacional no Brasil e nas leis que regiam a Educação Física brasileira, sobretudo no final da década de 1980, com a Resolução nº 03, de 16 de junho de 1987³; bem como o surgimento de novas instituições de ensino superior que passaram a oferecer o curso de Educação Física em Goiânia e no interior do Estado; conseqüentemente houve uma alteração significativa no papel da ESEFFEGO, que passou a dividir a formação dos professores com outras IES.

Os fragmentos das entrevistas doravante analisadas fazem parte da memória dos participantes, articulados aos objetivos da pesquisa e aos documentos e literatura consultada. Promovendo nesse entrelaçamento histórias narradas não somente sobre o passado vivido, mas sobre o que permanece vivo e rico de lembranças, a partir de quem relata as histórias aqui manifestas.

Desse modo, para o desenvolvimento da pesquisa tivemos alguns cuidados no delineamento de seu percurso, sobretudo, em relação aos sujeitos entrevistados, respeitando os significados de seus pensamentos e relatos. Com essa finalidade, observamos os seguintes procedimentos metodológicos:

1. Assinatura dos entrevistados do Termo Livre Esclarecido informando o anonimato e confidencialidade dos dados de todos os participantes;
2. Formulação do roteiro de entrevistas;
3. Realização das entrevistas;
4. Tratamento dos depoimentos; incluindo as etapas de transcrição, conferência de fidelidade, copidesque e leitura final.

² Todos os professores em algum momento de sua trajetória acadêmica participaram de cargos de gestão e organização pedagógica da instituição em comissões, núcleo docente estruturante etc.

³ O currículo mínimo passou a não ser mais concebido como um elenco de disciplinas obrigatórias e, sim, áreas do conhecimento, dentro das quais as matérias e disciplinas do currículo seriam definidas pelas ISEFs. A preocupação por uma formação do profissional de Educação Física generalista e humanista se configurou no grande mote daquela reformulação curricular, preconizada na Resolução 03/87. A carga horária mínima da Educação Física passou a ser de 2.880 horas-aula, com possibilidade de titulações em Licenciado em Educação Física e/ou Bacharel em Educação Física.

**ESEFFEGO:
narrativas, memórias e experiências docentes**

*Nívea Maria Silva Menezes
Nélio Borges Peres
Carlos Otávio de Mendonça Santos*

Concomitante a feitura e processamento das entrevistas, consultamos outras fontes, como: documentos oficiais da instituição, a legislação em vigência na década da fundação da ESEFFEGO, reportagens etc. Mediante a interface com as diferentes fontes, como já mencionado, priorizamos as fontes orais e elencamos como as principais categorias de análise os seguintes aspectos: “Uma instituição viva e pulsante”, “Protagonismo e contribuições da ESEFFEGO”, “Currículos e formação”

Por meio dos testemunhos dos professores podemos perceber as várias camadas relacionais dos mesmos com a ESEFFEGO, não somente no que tange os aspectos formativos e profissionais, mas também a memória afetiva dos entrevistados para com a instituição. Torna-se perceptível, ao longo do avivamento da memória dentro das entrevistas, a construção de um espaço narrativo rico de momentos presentes no encontro destas 3 gerações, evidenciando cada um ao seu modo, suas trajetórias e experiências eseffeguianas.

Neste sentido, os fragmentos apresentados a seguir representam a busca em perceber como se constitui essa construção e seus significados sobre o passado, mas também sobre o presente.

Uma instituição viva e pulsante.

Ao revisitar a história da ESEFFEGO notamos um forte grau de envolvimento de quase todos os depoentes com aspectos atrelados à formação⁴, pertencimento àquela comunidade em fases diferentes de suas vidas, seja como estudantes que frequentavam os espaços esportivos oferecidos à comunidade, seja como acadêmicos de educação física ou a posteriori, como professores da instituição. Desta forma, os sujeitos⁵ relatam em suas narrativas momentos que se assemelham ao se referirem à movimentação da ESEFFEGO.

Sim, nossa, a ESEFFEGO era um formigueiro, porque toda a população da Vila Nova e outras partes da cidade iam pra lá. Tinha natação, tinha tênis de quadra e de mesa, judô, dança, atletismo, as diferentes modalidades de ginástica etc. É, teve uma época que tinha esgrima, foi a primeira oferta desse esporte em Goiás. Tinha todas as possibilidades, esportes individuais, esportes coletivos. E a dança foi muito importante. À tarde eram oferecidas aulas para os mais jovens e à noite para os adultos (P1⁶).

[...] uma ESEFFEGO que tinha ainda uma pegada muito forte no que se refere a ação extensionista dentro do esporte, dentro da perspectiva das escolinhas, tinha muito ainda esse trabalho. Uma ESEFFEGO lotada, lotada da

⁴ Todos os professores entrevistados cursaram suas graduações em Educação Física na ESEFFEGO.

⁵ A fim de preservar a identidade dos depoentes iremos nos referir aos mesmos utilizando a sigla P1 à P5. Sendo P1 representante da década de 1970, P2 e P3 representantes da década 1980 e P4 e P5 representantes da década 1990.

⁶ A depoente P1 é a única professora do grupo entrevistado.

**ESEFFEGO:
narrativas, memórias e experiências docentes**

Nívea Maria Silva Menezes

Nélio Borges Peres

Carlos Otávio de Mendonça Santos

comunidade, com todas as atividades que desenvolviam ali né. Fora as escolinhas, tinha a extensão para os idosos que sempre teve, extensão para a deficiência. Tinha então uma quantidade imensa de atividades que envolviam então aí, a comunidade local e ao redor, com turmas e mais turmas. Era impressionante a natação lotada o tempo todo, muita coisa, muita gente, o futsal, o basquete, o handebol, o voleibol, com iniciação e meninadinho lá presente [...]. E, também um envolvimento tão grande do alunato [...] (P4).

[...]Era uma instituição viva, viva, eu sentia a ESEFFEGO pulsando.

[...] quando você via o movimento, a vida que pulsava na ESEFFEGO, logo você esquecia o sono do almoço. Porque assim oh, você entrava numa sala, aquela do lado da piscina tinha uma galera fazendo uma aula de natação, você ia pra sala de anatomia que era do lado da pista de atletismo, tinha um professor com os estagiários dele, mais a comunidade numa pista de atletismo, ou iniciação esportiva de futebol (P5).

O testemunho dos professores a partir de suas reminiscências remete a uma instituição que propiciou diversas experiências a partir das práticas oferecidas à comunidade em que dialoga, sobretudo, com a extensão universitária que era muito forte como elemento também de identidade local desde sua fundação em 1962.⁷

Relembra a ESEFFEGO como um espaço privilegiado para a comunidade que ali se encontrava, assim como para o alunato que se fazia presente nas práticas extensionistas. A experiência propiciada e vivida na instituição é destaque em todas as falas, abarcando significativamente as ações de extensão, mas também a questão do espaço formativo integrado à essas ações, fomentando a qualificação profissional dos futuros docentes, como veremos nos itens a seguir.

Protagonismo e contribuições da ESEFFEGO

A ESEFFEGO é uma instituição pioneira na formação profissional de professores de educação física na região Centro Oeste e em Goiás. Ela assume este protagonismo até a segunda metade da década de 1980 quando em Goiânia em 1988 ocorre a fundação do curso da Faculdade de Educação Física da UFG – FEF (atualmente Faculdade de Educação Física e Dança – FEFD).

⁷ A ESEFFEGO inaugura um processo de formação de professores de educação física no estado de Goiás com o intuito de capacitá-los para a emergente realidade daquela época, que era a falta de professores de educação física no Estado para trabalhar as práticas corporais, se alinhando com os interesses já em andamento por todo país.

**ESEFFEGO:
narrativas, memórias e experiências docentes**

Nívea Maria Silva Menezes

Nélio Borges Peres

Carlos Otávio de Mendonça Santos

Dessa forma a ESEFFEGO alcançou uma repercussão significativa, sendo vanguarda em vários campos de intervenção profissional na educação física em Goiás, como podemos verificar nos fragmentos a seguir.

Então pra comunidade, de modo geral, a ESEFFEGO teve e tem, um papel social muito grande, de muita relevância social mesmo.

Naquela época a ESEFFEGO era considerada, quando eu estudei lá, a terceira melhor escola de Educação Física do Brasil, né! Então, vinha gente do Centro-Oeste, do Mato Grosso [...] vinha gente do interior de São Paulo, vinha gente do Triângulo Mineiro, fazer ESEFFEGO, né. E até do norte do país. A ESEFFEGO então, tinha esse brilho próprio.

Durante 30 anos, ela começou em 1962, ela era a protagonista principal da formação de professores e da extensão universitária em Goiás. Então, até surgirem outros cursos de Educação Física, durante esse tempo ela reinou no Centro-Oeste (P1).

A ESEFFEGO na época, vamos dizer: na minha, que eu posso afirmar, em questão de realização de evento esportivo era a ESEFFEGO. Nós não tínhamos um ginásio em Goiânia que suportasse por exemplo, 2.000 pessoas. No ginásio 1 foi realizado até o campeonato brasileiro de basquete Sul-Americano em 1973; eu já frequentava lá não como acadêmico, mas encostava, então eu lembro disso tudo assim.

Tudo realizado em termo de evento esportivo era a ESEFFEGO. Competição de atletismo, a única pista que nós tínhamos, mais ou menos como que oficial, era a ESEFFEGO. Era de terra, mas era uma pista boa [...] (P2).

Agora, quando eu tava como professor eu lembro de a gente fazer algumas ruas de lazer, lembro uma vez que a gente fez no setor Perim, quando eu, inclusive na época, foi um período que eu trabalhei no estágio, então a gente pediu pro pessoal organizar uma atividade do estágio no setor Perim num sábado à tarde. Então de vez em quando essas ruas de lazer eram feitas, como atividades do estágio ou outras disciplinas as vezes iam em alguns lugares específicos.

Tem uma outra coisa importante também que eu acabei de lembrar e que foi um movimento assim fundamental ée..., 2000, 2000 e bolinha, a Cida Teles⁸ ela dava aula de ginástica e ela acabou criando um dia que ela começou a chamar de Dia do Movimento na ESEFFEGO, então a coisa começou na disciplina dela, depois ela começou a fazer isso junto com professores de outras disciplinas do primeiro período, e que era assim, o pessoal saía né, por exemplo, eles combinavam ir a uma determinada quantidade de escolas, o pessoal, das escolas, as crianças iam pra ESEFFEGO e participavam de uma manhã com ginástica e uma série de atividades mas principalmente ginástica que era a disciplina principal. E isso acabou crescendo né! Começou com a Cida no primeiro período, mas ela tinha uma disciplina no segundo, começou a fazer no segundo também, aí o pessoal do terceiro se interessou, no final das

⁸ Se refere a professora Maria Aparecida Teles Rocha.

**ESEFFEGO:
narrativas, memórias e experiências docentes**

Nívea Maria Silva Menezes

Nélio Borges Peres

Carlos Otávio de Mendonça Santos

contas, tava os 8 períodos com pelo menos uma ou duas disciplinas participando do Dia do Movimento (P3).

Dentro desse contexto do Dia do Movimento o professor P3, contextualiza que:

Eu lembro que na época eu tava participando de um projeto de pesquisa junto com a Secretaria Municipal e Estadual de Saúde pela ESEFFEGO [...]. Aí eu lembro que a gente foi fazer essa atividade num ginásio lá na Vila Pedroso né, e parece que essa atividade que a gente fez do Dia do Movimento com os idosos, acabou fazendo com que os idosos criassem um grupo de atividades física lá. Então, é uma forma que a gente teve também de atender a comunidade fora da ESEFFEGO, né.

[...] a partir da participação dessa pesquisa, [...] com a Secretaria Municipal e Estadual de Saúde, ela é, faz parte de uma pesquisa multicêntrica da Organização Pan-Americana de Saúde que chama Projeto CARMEN [...] Conjunto de Ações para a Redução Multifatorial de Enfermidades não Transmissíveis. Então o que acabou acontecendo? Tiveram alunos da ESEFFEGO que participaram do processo de coleta de dados, depois esses dados foram analisados pela Secretaria Estadual de Saúde e foi uma pesquisa com mais de 3.000 pessoas, inclusive com dados laboratoriais e teve um seminário falando, apresentando os resultados da pesquisa pela Organização Pan-Americana de Saúde, pelo Ministério da Saúde, Secretaria Estadual e etc., e a ESEFFEGO estava lá [...] (P3).

Os próprios eventos que a ESEFFEGO desenvolvia, a gente tinha o que hoje chamamos de FEC, que era OLIMPEGO⁹ na minha época, era um evento que tínhamos, constava no calendário esportivo da cidade. E além da OLIMPEGO, olimpíada interna, ainda existia um torneio, que se desenvolvia, porque os professores também davam aula em outras escolas, um torneio com várias modalidades envolvendo a ESEFFEGO, os times da ESEFFEGO convidavam o time do Exército, a escola campeã goiana dos jogos estudantis [...], faziam quadrangulares, faziam certames de todas as modalidades (P4).

Então, era uma instituição movimentada, tinha muita escolinha de iniciação esportiva, tinha muita criança o dia inteiro correndo pela ESEFFEGO. E muito treinamento mesmo, mas era treinamento mesmo! Tinha os atletas dos clubes profissionais que se utilizavam muito ali daquele campo que a gente tinha, então eu acho que quando o campo deles estava ocupado ou sem condição de uso, deve ser alguma parceria que tinha, eles vinham treinar lá (P5).

Podemos observar nos testemunhos dos professores o destaque para as contribuições da ESEFFEGO em relação aos aspectos não somente da cultura corporal¹⁰ na cidade de Goiânia,

⁹ A OLIMPEGO era as Olimpíadas internas da ESEFFEGO. Foi criada em 1976 pelo professor Carlos Ribeiro do Nascimento e Walter Nilton Celestino da Silva (na época diretor). Tratava-se de uma atividade da disciplina de Organização e nos moldes do padrão olímpico seguia o ritual de abertura, com desfile dos períodos, hasteamento da bandeira do Brasil, de Goiás e da ESEFFEGO, show de abertura e falas oficiais das autoridades presentes.

¹⁰ Compreendemos o termo cultura corporal enquanto os elementos que constituem as práticas corporais, ou seja, os esportes, os jogos, as ginásticas, as lutas entre outros, englobando nesse sentido, todas as atividades desenvolvidas pela ESEFFEGO ao longo de sua trajetória institucional.

ESEFFEGO:
narrativas, memórias e experiências docentes
Nívea Maria Silva Menezes
Nélio Borges Peres
Carlos Otávio de Mendonça Santos

bem como sua participação e intervenção no campo da saúde, a partir da interface de projetos de pesquisa da ESEFFEGO com o estado e a prefeitura.

Contribuições estas que abrangem desde as escolinhas de iniciação esportiva trabalhadas com a comunidade pela via extensionista, integrando por outro lado, ações do estágio em educação física no campo do lazer com atividades em setores periféricos da capital ou mesmo intervindo em várias frentes do esporte, seja fomentando o esporte escolar nos campeonatos e competições promovidas, seja na tradição da OLIMPEGO, evento que fez parte do calendário esportivo da cidade de Goiânia.

Nesses termos é indiscutível a relevância dessa instituição na disseminação de ideias e práticas vinculadas à cultural corporal. Dado seu protagonismo a ESEFFEGO exerceu uma influência considerável na mentalidade do goianiense, e porque não dizer, os sensibilizando para a ampliação de hábitos e comportamentos atrelados à todas as práticas relatadas pelos professores.

A experiência fomentada, nesse sentido, pela ESEFFEGO e expressa nos depoimentos, são reminiscências de seus cotidianos e trajetórias de vida, as quais revelam o quão significativo foi e ainda é para os mesmos a questão da tradição e contribuição social para a sociedade no estado de Goiás, dado sua repercussão nos campos de atuação profissional e os serviços prestados à comunidade em geral.

Sobre essas conexões coadunamos com o pensamento de Khamer apud Benjamin (1999) em que,

passado, presente e futuro se conectam e se redimensionam em sempre novas constelações. Pela rememoração, na linguagem e na narrativa, resgata-se o poder de ser no presente, no passado e no futuro, possibilitando tecer o sentido da história, não mais como um encadeamento cronológico, mas como um processo de recriação do significado (p.134).

Quando os professores rememoram e narram as histórias de vida, trabalho, suas identidades enquanto docentes e afetos, que se entrelaçam com a ESEFFEGO, podemos ter um pouco da dimensão dessa instituição e seu poder de ser no presente, considerando seus itinerários, resistências e lutas há mais de seis décadas de existência.

Currículos e formação

**ESEFFEGO:
narrativas, memórias e experiências docentes**

Nívea Maria Silva Menezes

Nélio Borges Peres

Carlos Otávio de Mendonça Santos

Em relação aos currículos e a formação, percebemos uma certa aproximação de percepções a depender do período em que os professores se graduaram. De acordo com as perspectivas narradas, a ESEFFEGO estará ora em transição, ora em processo de implantação de novos currículos, como vemos nos destaques a seguir.

[...] a gente tinha uma formação que era muito direcionada pra que a gente pudesse ser um bom professor independente do local que a gente fosse trabalhar, tinha uma discussão aí sobre a questão do ensino da Educação Física da escola, mas não existia uma preocupação com a escola propriamente dita, talvez como a gente tem hoje.

ESEFFEGO enquanto uma formação humana e profissional continua sendo uma formação de alto nível, continua na minha avaliação sendo uma formação tão importante quanto aquela que eu tive nos anos 80, mas agora por um lado, talvez com algumas tensões mais explícitas pelo que eu acompanho assim em relação a grupos de professores, visões de ciência, mas ao mesmo tempo também uma possibilidade muito diferente do ponto de vista dessa formação científica considerando aí o número de mestres e doutores (P3).

[...] eu e a minha turma nós pegamos então o momento da transição, da guinada da ESEFFEGO, do curso de Educação Física da ESEFFEGO, saindo da perspectiva tecnicista caminhando então para um currículo, com uma matriz, um pertencer mais crítico em si.

Então, a gente tinha claramente, a sensação que a gente estava navegando em dois mares, o mar tecnicista e o mar dos críticos, mais crítico, mas não crítico na perspectiva, da emancipatória, ou do Coletivo de Autores, era um crítico ainda liberal, na perspectiva muito apegado ao construtivismo, no psicomotricismo e aí a lógica crítica no sentido mais humano do processo, mais politizada ainda bem pouco presente, dentro do contexto (P4).

[...] eu sou muito grato a ESEFFEGO em relação a formação [...] eu terminei em 1998, apareceu um concurso da prefeitura e eu fui aprovado nesse concurso. 1999 saiu um concurso do estado e fui aprovado nesse concurso, classificação excelente, e te digo: não estudei praticamente nada, eu era um bom aluno na graduação, gostava de fazer todas as tarefas, os trabalhos, ler direitinho, fazer tudo que era possível sabe. Mas eu tenho certeza Nívea, que essa minha boa classificação nesses dois concursos é em função da formação que eu tive na ESEFFEGO. Não tenho dúvida disso, sabe!

Então, pra mim foi uma boa surpresa quando eu peguei a prova do concurso da prefeitura e do estado e falei: caramba! Parece que eu estava discutindo isso aqui ontem na ESEFFEGO. Então, foi uma formação muito boa nesse sentido, ficou comprovado isso lá (P5).

Em relação ao currículo e a formação não pudemos deixar de observar que apesar das modificações curriculares mencionadas na instituição, os professores enfatizam a qualidade da formação promovida e a preocupação na capacitação desses docentes durante seu processo formativo.

ESEFFEGO:
narrativas, memórias e experiências docentes
Nívea Maria Silva Menezes
Nélio Borges Peres
Carlos Otávio de Mendonça Santos

Os testemunhos dos professores P3, P4 e P5 expressam momentos na ESEFFEGO que são reflexos decorrentes, sobretudo, na década de 1980 na conjuntura da educação física brasileira, que passava por modificações no tangente a concepção de ciência vigente na área. Considerando que até a primeira metade os anos 80 esteve fortemente influenciada pela concepção positivista de ciência. O quadro era: as abordagens metodológicas predominantes nos estudos valorizavam a quantificação e a análise estatísticas dos dados aludiram à neutralidade científica e ao isolamento do objeto de seu contexto. Foram hegemônicos os temas voltados para aspectos médico-biológicos da atividade física, para o esporte de alto rendimento e para a avaliação da aptidão-física (Silva, 2005).

Nesse sentido a ESEFFEGO passou por esta atmosfera em que embates epistemológicos e novos redirecionamentos, conforme sublinha Braga (2017) em estudo ao analisar a mudança de perspectiva epistemológica da ESEFFEGO voltada da aptidão física a cultura corporal na formação de professores dessa instituição. A autora assinala alguns motivos das dificuldades da implantação de um currículo na ESEFFEGO no final dos anos 90:

o currículo de 99 foi implantado e a forma de condução do ensino-aprendizagem deveria acontecer de acordo com o currículo, porém, isso não se consumava na maioria das aulas a metodologia de ensino continuava retrógrada. O currículo não se materializa como o decidido pelo coletivo pelo fato do papel do professor da ESEFFEGO em sua prática pedagógica ser falho, o currículo direcionou a prática docente, mas a solidificação dele não ocorreu como o almejado. Para ressignificar a própria prática, o corpo docente deveria aderir uma conduta nunca pensada no caso da ESEFFEGO, os professores precisariam de estudos, pesquisas e formação continuada (pp.2647-2648).

Todas as dificuldades mencionadas pelos entrevistados e as experiências vividas pelos mesmos, são parte de suas histórias discentes e docentes, que constituem a história da educação física em Goiás e no Brasil, considerando a abrangência das mudanças de paradigmas e movimentos alternativos ocorridos na educação física brasileira.

Afinal, realizar um deslocamento de perspectiva, considerando que viemos de uma área de conhecimento balizada historicamente por influência militarista, biologista e mecanicista, marcada de forma contundente pelo positivismo e atrelada a mecanismos e modelos autoritários, não seria uma tarefa simplista. Desta forma, no caso da ESEFFEGO, a implantação e ganho de espaço de perspectivas mais críticas de desenvolvimento da produção científica e formativa foi possível por alguns atenuantes, que segundo Braga (2017) se deram devido a três fatores: a aposentadoria, aos novos concursos e a outro fator em especial, a saída de professores para a pós-graduação.

ESEFFEGO:
narrativas, memórias e experiências docentes
Nívea Maria Silva Menezes
Nélio Borges Peres
Carlos Otávio de Mendonça Santos

Todos esses fatores assinalados contribuíram para o crescimento e amadurecimento da ESEFFEGO desde então, propiciando uma qualificação profissional e humana daqueles que participaram e participam de seu cotidiano.

Considerações finais

Ao longo desse estudo buscamos compreender fragmentos de pensamentos que revelam experiências eseffeguanas dos professores a partir das narrativas de memórias na inter-relação com a ESEFFEGO ao longo de suas trajetórias de vida e de trabalho.

Modestamente revisitamos o passado e tentamos torná-lo presente, vivo e pulsante. Parafraseando Walter Benjamin, quando a rememoração assume papel central, vemos que também é nas dobras do cotidiano que a história se realiza. Portanto, é de uma história feita de cotidianos, histórias ordinárias (mas não menos importantes) de trabalhadores e trabalhadoras da educação física que se constitui a ESEFFEGO.

A partir dessas histórias, memórias e o perceptível senso de pertencimento arraigado nas conexões com a comunidade, foi possível nos aproximarmos um pouco do sentido e significado da ESEFFEGO para a cultura goianiense, como nos propusemos na escuta das narrativas aqui expressas; que revelam em sua história com a instituição seus percalços, resistências, contribuições e os traços deixados para a cultura goiana, enquanto um tributo valioso para a compreensão das práticas corporais e a educação física no estado de Goiás e quiçá para o Brasil.

Certamente as questões trabalhadas aqui não esgotam a extensa história da ESEFFEGO e sua trajetória institucional, mas foram um possível começo para que outras histórias venham à tona.

Vida longa à ESEFFEGO!

Referências

ALBERTI, Verena. Histórias dentro da História. In: PINSKY, C. B. (org.) **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005. Pp.07-301.

BRAGA, Daiana Rodrigues de Lima. ESEFFEGO: da formação de técnicos a formação de professores - via currículo e vivências. XX CONBRACE/ VII CONICE, **Democracia e Emancipação: Desafios para a Educação Física e Ciências do Esporte na América Latina - Goiânia**, 2017.

CORDEIRO, Darcy. História da ESEFFEGO: 1962 a 2015: **Educação física e Fisioterapia**. Ed. Espaço acadêmico, 2019.

**ESEFFEGO:
narrativas, memórias e experiências docentes**

Nívea Maria Silva Menezes

Nélio Borges Peres

Carlos Otávio de Mendonça Santos

GOELLNER, Silvana V. A importância do conhecimento histórico na formação de professores de Educação Física e a desconstrução da história singular. **Kinesis**, vol. 30, n.1 jan./jun.2012.

GOELLNER, S. et al. ESEF 65 anos: entre memórias e histórias. **Movimento**, Porto Alegre, v. 11, n. 3, p. 201-218, set./dez. 2005.

GOIÁS. **Lei 4.193/62** – cria a praça de esportes do povo de Vila Nova. Goiânia, 1962.

JENKINS, Keith. **A História repensada**. São Paulo: Contexto, 2004.

KRAMER, S.; SOUZA, S. J. **Histórias de professores: leitura, escrita e pesquisa em educação**. São Paulo: Ática. 1996.

LIMA, L. M. **Os militares, o populismo e suas influências na Educação Física em Goiás**. Goiânia, 1992. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Goiás. 165f.

MAUAD, Ana Maria. Fotos-ícone, a história por detrás das imagens? Considerações sobre a narratividade das imagens técnicas. In: **Imagens na história**, RAMOS, A.F.; PATRIOTA, R.; PESAVENTO, S. J. (Orgs.). São Paulo: Ed. Hucitec, 2008.

MELO, P. do S. N. de. **O saber especial das licenciaturas em educação física em Goiás: seu conteúdo, forma e função social**. (Dissertação de Mestrado) Goiânia: PPGE/PUC-Goiás, 2002.

SILVA, Rossana. V. S. e. O CBCE e a produção do conhecimento em Educação Física em perspectiva. In: Amarílio Ferreira Neto (Org.). **Leituras da natureza científica do CBCE**. Campinas: Autores Associados, 2005.

STEPHANOU, Maria e BASTOS, Maria Helena Câmara. “História, memória e história da educação”. In. STEPHANOU, M. e BASTOS, M. H. C. (org.). **Histórias e memórias da educação no Brasil**. Vol. III – sec. XX. Petrópolis RJ: Vozes, 2005.

UEG/ESEFFEGO. **Projeto Pedagógico do Curso de Educação Física**. Goiânia, 2015.